

Valentin Volóchinov

(Círculo de Bakhtin)

Marxismo e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem

Tradução, notas e glossário
Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

Ensaio introdutório
Sheila Grillo

editora ■ 34

Valentin Volóchinov

Marxismo
e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem

Tradução, notas e glossário
Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

Ensaio introdutório
Sheila Grillo

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2017

Tradução @ Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, 2017

Ensaio introdutório © Sheila Grillo, 2017

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

A Editora 34 agradece a Rafael Rocca
pela tradução e revisão dos trechos em alemão.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Cecília Rosas, Danilo Hora, Beatriz de Freitas Moreira

1ª Edição - 2017, 2ª Edição - 2018

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

Volóchinov, Valentin, 1895-1936
V142m Marxismo e filosofia da linguagem:
problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem / Valentin Volóchinov;
tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e
Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório
de Sheila Grillo — São Paulo: Editora 34, 2018
(2ª Edição).
376 p.

ISBN 978-85-7326-661-0

Tradução de: Marksizm i filossófia iaziká:
osnovnie problémi sotsiologúitsheskogo
míetoda v náúke o iaziké

I. Linguística. 2. Círculo de Bakhtin.
3. Filosofia da linguagem. I. Grillo, Sheila.
II. Vólkova Américo, Ekaterina. III. Título.

CDD - 410

Marxismo e filosofia da linguagem

Problemas fundamentais do método sociológico
na ciência da linguagem

Ensaio introdutório, *Sheila Grillo* 7

MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Introdução 83

Parte I — A IMPORTÂNCIA DOS PROBLEMAS

DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

PARA O MARXISMO

1. A ciência das ideologias
e a filosofia da linguagem..... 91
2. O problema da relação
entre a base e as superestruturas 103
3. A filosofia da linguagem
e a psicologia objetiva..... 115

Parte II — OS CAMINHOS DA FILOSOFIA

DA LINGUAGEM MARXISTA

1. Duas tendências
do pensamento filosófico-linguístico 143
2. Língua, linguagem e enunciado 173

3. A interação discursiva	201	
4. Tema e significação na língua	227	
Parte III — PARA UMA HISTÓRIA DAS FORMAS DO ENUNCIADO NAS CONSTRUÇÕES DA LÍNGUA (EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DO MÉTODO SOCIOLÓGICO AOS PROBLEMAS SINTÁTICOS)		
1. A teoria do enunciado e os problemas de sintaxe	241	
2. Exposição do problema do “discurso alheio”	249	
3. Discurso indireto, discurso direto e suas modificações	263	
4. Discurso indireto livre nas línguas francesa, alemã e russa	291	
Anexo		
Plano de trabalho de Volóchinov	325	
Glossário, <i>Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo</i>		353
<i>Sobre o autor</i>	371	
<i>Sobre as tradutoras</i>	373	

A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem

O problema do signo ideológico. O signo ideológico e a consciência. A palavra como signo ideológico par excellence. A neutralidade ideológica da palavra. A capacidade da palavra de ser um signo interior. Conclusões.

Atualmente, os problemas da filosofia da linguagem adquirem uma importância e uma pertinência excepcionais para o marxismo. Nas mais importantes frentes de combate do trabalho científico, o método marxista enfrenta justamente esses problemas e não é capaz de avançar de modo produtivo sem tê-los analisado e solucionado de modo independente.

Antes de mais nada, as próprias bases da ciência marxista da criação ideológica, isto é, os fundamentos dos estudos sobre a ciência, a literatura, a religião, a moral etc. estão ligados de modo mais estreito aos problemas da filosofia da linguagem.

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social — seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo — mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*. Pode-se dizer

que um corpo físico equivale a si próprio: ele não significa nada e coincide inteiramente com a sua realidade única e natural. Nesse caso, não temos como falar de ideologia.

Entretanto, qualquer corpo físico pode ser percebido como a imagem de algo;¹ por exemplo, um único objeto pode encarnar o ciclo e a necessidade da natureza. Essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico já é um produto ideológico. O objeto físico é transformado em um signo. Sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto, em certa medida, passa a refratar e a refletir outra realidade.

O mesmo seria justo em relação a qualquer instrumento de produção. Um instrumento de produção é em si mesmo privado de significação e possui apenas uma utilidade: a de servir para algum objetivo de produção. O instrumento serve a esse objetivo na qualidade de objeto singular, sem refletir nem substituir nada. No entanto, um instrumento de produção também pode ser transformado em signo ideológico. É o que ocorre com a foice e o martelo no nosso brasão, onde eles já são dotados de uma significação puramente ideológica. É possível também ornamentar de modo ideológico um instrumento de produção. Por exemplo, os instrumentos de um homem primitivo já eram cobertos de imagens ou ornamentos, isto é, de signos. É claro que, nesse caso, o próprio instrumento não se torna um signo.

É possível ainda atribuir a um instrumento de produção um forma artística acabada, de modo que esse ornamento artístico estará em harmonia com a utilidade produtiva do instrumento. Nesse caso, haverá uma espécie de aproximação máxima entre o signo e o instrumento de produção, quase uma fusão. Mas ainda assim percebemos aqui uma fronteira

¹ A palavra russa *obraz* tem como primeiro significado "imagem", e remete, nesse contexto, à ideia ou representação mental sobre algum fenômeno ou objeto. (N. da T.)

semântica evidente: um instrumento por si só não se transforma em um signo, nem um signo em um instrumento de produção.

Do mesmo modo, um produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. Por exemplo, o pão e o vinho se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã. No entanto, o produto de consumo por si só não é um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser relacionados aos signos ideológicos, mas nessa relação não se apaga a evidente fronteira semântica entre eles. Assim, o pão é assado em uma forma determinada, sendo que essa forma de modo algum se justifica apenas pela finalidade de consumo do pão, possuindo ainda uma significação ideológica, mesmo que primitiva (por exemplo, a forma *spretzel* ou de rosca).

Desse modo, além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: o mundo dos signos.

Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação *sígnica*.²

² O autor emprega o adjetivo *znákovi* que literalmente corresponde a “de signo” ou “sígnico”. Como nem sempre é possível empregar a ex-

Abau etc equidade

No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, *o caráter signico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos.*

Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. Qualquer fenômeno ideológico signico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante. Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa.

Essa tese é de extrema importância. Por mais que ela seja elementar ou pareça óbvia, até o presente momento a ciência das ideologias não tirou dela todas as devidas conclusões.

A filosofia idealista da cultura e os estudos culturais de cunho psicológico situam a ideologia na consciência.³ Se-

pressão “de signo”, optamos pelo adjetivo “signico”, que é mais fiel ao sentido original russo. (N. da T.)

³ É necessário mencionar que, no neokantismo moderno, há uma mudança nesse sentido. Estamos nos referindo ao último livro de Cassirer, *Philosophie der symbolischen Formen*, v. I, 1923. Sem abandonar o terreno da consciência, Cassirer considera a representação como o seu traço principal. Cada elemento da consciência representa algo, possui uma função simbólica. O todo é dado em uma parte e a parte pode ser compreendida apenas no todo. De acordo com Cassirer, a ideia é tão sensorial quan-

gundo eles, a ideologia é um fato da consciência. O corpo exterior do signo é apenas um envoltório, apenas um meio técnico para a realização do efeito interno que é a compreensão.

O que o idealismo e o psicologismo ignoram é que a própria compreensão pode ser realizada apenas em algum material *sígnico* (por exemplo, no discurso interior). Eles descon- sideram que um signo se opõe a outro signo e que *a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sígnico.* A compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo *sígnico*, e portanto material, a outro elo também *sígnico*. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo.

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social.

Apesar das profundas divergências metodológicas, a filosofia idealista da cultura e os estudos culturais psicológicos cometem o mesmo erro crucial. Ao localizarem a ideologia na consciência, eles transformam a ciência das ideologias em uma ciência da consciência e suas leis, sejam elas transcendentais ou empírico-psicológicas.

Em decorrência disso ocorre tanto uma distorção fundamental da própria realidade estudada quanto uma confu-

to a matéria; porém essa natureza sensorial do signo simbólico possui um caráter representativo.

parte do conhecimento

são metodológica nas inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento. A criação ideológica — um fato material e social — é inserida à força nos limites da consciência individual. Por outro lado, a própria consciência individual é privada de qualquer apoio na realidade. Ela se torna ora tudo, ora nada.

No idealismo ela se torna tudo, e é colocada em algum lugar acima da existência, passando a defini-la. De fato, no idealismo, esse senhor do universo representa apenas uma hipótese da ligação abstrata entre as formas e as categorias mais gerais da criação ideológica.

Para o positivismo psicológico, ao contrário, a consciência se torna nada: ela é uma soma de reações psicofisiológicas ocasionais que, em um passe de mágica, resultam em uma criação ideológica consciente e integrada.

As leis objetivas sociais da criação ideológica, compreendidas erroneamente como leis da consciência individual, foram obrigadas a perder seu lugar real na existência, ora passando às alturas supraexistenciais do transcendentalismo, ora às profundezas pré-sociais do sujeito biológico e psicofísico.

No entanto, o ideológico em si não pode ser explicado a partir de raízes animais, sejam elas pré ou supra-humanas. Seu verdadeiro lugar na existência está em um *material signico* específico, que é social, isto é, criado pelo homem. A sua especificidade está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles.

Um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remeta à “natureza” no sentido literal dessa palavra.⁴ O signo tampouco surge entre dois *Homo sapiens*.

⁴ É claro que a sociedade também é *parte da natureza*, mas apenas uma parte qualitativamente distinta, que possui suas próprias *leis específicas*.

É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade — apenas nesse caso um meio sógnico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico.

A consciência individual é um fato social e ideológico. Enquanto essa tese não for reconhecida com todas as suas consequências, a psicologia e a ciência das ideologias não poderão ser construídas de modo objetivo.

É justamente o problema da consciência que cria as principais dificuldades e gera uma profunda confusão em todas as questões relacionadas tanto à psicologia quanto à ciência das ideologias. No final das contas, a consciência tornou-se *asylum ignorantiae*⁵ para todas as construções filosóficas. A consciência foi transformada em um depósito para todos os problemas insolúveis, para todos os restos impossíveis de decompor do ponto de vista objetivo. Ao invés de procurar uma definição objetiva da consciência, esta passou a ser usada para subjetivar e desintegrar todas as definições objetivas solidificadas.

Uma definição objetiva do que é a consciência só pode ser *sociológica*. A consciência não pode ser deduzida diretamente da natureza, como tentava e ainda tenta fazer o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia objetiva atual (biológica, behaviorista e reflexológica). A ideologia não pode ser deduzida a partir da consciência, como fazem o idealismo e o positivismo psicológico. A consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em

Tese
consc. cole

⁵ Em latim no original, "refúgio da ignorância". (N. da T.)

esse caso social

si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos.

De tudo o que foi dito decorre a seguinte tese metodológica: *a ciência das ideologias de modo algum depende da psicologia e tampouco se baseia nela*. Pelo contrário, como veremos mais detalhadamente em um dos capítulos subsequentes, *é a psicologia objetiva que deve se basear na ciência das ideologias*. A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sógnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquitetura da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos.

Na medida em que isolamos previamente os fenômenos ideológicos e suas leis da consciência individual, os relacionamos de modo mais estreito com as condições e as formas da comunicação social. A realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação. Pois a existência de um signo não é nada mais que a materialização dessa comunicação. Isso se refere a todos os signos ideológicos.

Contudo, em lugar algum o caráter sógnico e o fato de a comunicação ser absolutamente determinante são expressos com tanta clareza e plenitude quanto na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa

Palavra

função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social.

A significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sígnica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica.

Entretanto, a questão não para por aqui. A palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*. Todos os demais materiais sígnicos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos que não podem ser aplicados a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.

Além disso, existe um campo enorme da comunicação ideológica que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica. Trata-se da *comunicação cotidiana*.⁶ Essa comunicação é extremamente importante e rica em conteúdo. Por um lado, ela entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas. Ainda voltaremos a abordar esse campo específico da *ideologia do cotidiano* no capítulo seguinte. Apenas mencionaremos aqui que a pala-

Palavra
de este
ideol

⁶ O termo utilizado é *obschênie jíznennoe*, que literalmente seria “comunicação da vida”. Optamos por “cotidiana” por ser o termo que melhor expressa o fenômeno tratado, isto é, as interações que ocorrem no dia a dia. (N. da T.)

vra é o material mais usual da comunicação cotidiana. É justamente no campo da ideologia do cotidiano que se encontra a assim chamada linguagem coloquial e suas formas.

A palavra possui mais uma particularidade extremamente importante que a torna um *medium* predominante da consciência individual. A realidade da palavra, como a de qualquer signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio do organismo individual, sem a ajuda de quaisquer instrumentos e sem nenhum material extracorporal. Isso determinou o fato de que *a palavra se tornou o material sígnico da vida interior: a consciência* (discurso interior). Pois a consciência foi capaz de se desenvolver apenas graças a um material flexível e expresso por meio do corpo. A palavra foi justamente esse material. A palavra pode servir como um signo de uso interior, por assim dizer; ela pode realizar-se como signo sem ser plenamente expressa no exterior. Por isso o problema da consciência individual, tomado como *palavra interior* (e em geral *signo interior*), é uma das questões mais importantes da filosofia da linguagem.

Desde o princípio já ficou claro que é impossível abordar esse problema por meio do conceito comum de palavra e de língua tal como foi formulado pela linguística não sociológica e pela filosofia da linguagem. É necessária uma análise profunda e detalhada da palavra na qualidade de signo social, com o propósito de compreender a sua função como um meio da consciência.

Esse papel excepcional da palavra como um meio da consciência determina o fato de que *a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável*. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais

são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem completamente separados dele.

Isso não significa que a palavra é capaz de substituir qualquer outro signo ideológico. Não, a palavra não é capaz de substituir por completo todos os signos ideológicos principais e específicos. Por princípio, uma palavra não pode transmitir adequadamente uma obra musical ou uma imagem da pintura. Um rito religioso não pode ser totalmente substituído pela palavra, tampouco há uma substituição verbal adequada para o mais simples dos gestos do cotidiano. A negação desse fato resultaria em um racionalismo vulgar e em uma simplificação grosseira. No entanto, todos esses signos ideológicos que não podem ser substituídos pela palavra ao mesmo tempo apoiam-se nela e são por ela acompanhados, assim como o canto recebe um acompanhamento musical.

Nenhum signo cultural permanece isolado se for compreendido e ponderado, pois ele passa a fazer parte da *unidade da consciência verbalmente formalizada*. A consciência sempre saberá encontrar alguma aproximação verbal com o signo cultural. Por isso, em torno de todo signo ideológico se formam como que círculos crescentes de respostas e ressonâncias verbais. Qualquer *refração ideológica da existência em formação*, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração ideológica na palavra: fenômeno obrigatório concomitante. A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação.

Todas as particularidades da palavra analisadas por nós — sua *pureza signica*, seu *caráter ideológico neutro*, sua *participação na comunicação cotidiana*, sua *capacidade de ser palavra interior* e, por fim, sua *presença obrigatória como fenômeno concomitante em qualquer ato ideológico consciente* —, tudo isso faz da palavra um objeto basilar da ciência das ideologias. As leis da refração ideológica da existência no

signo e na consciência, as suas formas e o mecanismo dessa refração devem ser estudados antes de tudo no material da palavra. A introdução do método sociológico marxista em todas as profundezas e nuances das estruturas ideológicas “imanes” é possível apenas com base em uma filosofia da linguagem a ser desenvolvida pelo próprio marxismo na qualidade de uma *filosofia do signo ideológico*.